

ESBOÇO HISTÓRICO

A Igreja primitiva permaneceu fiel à celebração da Páscoa semanal e anual. Esta última era celebrada com a “vigília” solene, considerada sob o aspecto da passagem de Cristo, da morte para a ressurreição. Ao redor desse núcleo primitivo vai se constituindo o “tríduo sagrado” que celebra a morte (sexta-feira santa), a sepultura (sábado santo) e a ressurreição de Cristo (domingo de pascal). A solenidade pascal vai se prolongando numa festa de cinquenta dias, o “pentecostes”. No desejo de contemplar e viver cada momento da paixão, morte e ressurreição surge a “semana santa”. Um elemento muito significativo que contribuiu para ampliar o antes e o depois da celebração do tríduo pascal, foi a celebração do batismo durante a vigília pascal. Nesse sentido, visando não só a preparação para o batismo, mas também a reconciliação dos penitentes da comunidade, forma-se a “quaresma”¹.

TEMPO DA QUARESMA

Através do ciclo anual a Igreja comemora todo o mistério de Cristo, da encarnação ao dia de Pentecostes e à espera da vinda do Senhor². O Ano Litúrgico compreende dois tempos fortes: o Ciclo Pascal, tendo como centro o Tríduo Pascal, Quaresma como preparação e o Tempo Pascal como prolongamento; o Ciclo do Natal, com sua preparação no Advento e o seu prolongamento até a festa do Batismo do Senhor. Além destes dois, temos o Tempo Comum³.

O tempo quaresmal prepara a celebração da Páscoa, tanto na liturgia quanto na catequese litúrgica esclareça-se melhor a dupla índole do tempo quaresmal que, principalmente pela lembrança ou preparação do Batismo e pela penitência, fazendo os fiéis ouvirem com mais frequência a palavra de Deus e entregarem-se à oração, os dispõe à celebração do mistério pascal⁴. A liturgia quaresmal, com efeito, dispõe para a celebração do mistério pascal tanto os catecúmenos, pelos diversos graus de iniciação cristã, como os fiéis, pela comemoração do batismo e pela penitência⁵.

A Quaresma convoca-nos para a oração, o jejum e a caridade expressa pela esmola. Assim manifestamos a nossa abertura para a Palavra de Deus, que nos leva à conversão de nossos pecados, para vivermos a fraternidade em que fomos inseridos no Batismo⁶. Está compreendido o período que vai da Quarta-feira de Cinzas até a Missa da Ceia do Senhor exclusive⁷. Os domingos da Quaresma são chamados 1º, 2º, 3º, 4º e 5º domingos da Quaresma. O 6º domingo, com o qual se inicia a Semana Santa, é chamado de “Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor”⁸.

DESCRIÇÃO DO ELENCO DAS LEITURAS DA MISSA

Nos domingos do tempo da quaresma as leituras do Evangelho são distribuídas da seguinte forma: No primeiro e segundo domingos conservam-se as narrações das tentações e da transfiguração do Senhor, mas lidas segundo os três sinóticos⁹.

Nos três domingos seguintes o lecionário dominical propõe três itinerários quaresmais, a saber: no ano A, os evangelhos estão intimamente relacionados com a temática do batismo (Samaritana, Cego de Nascimento e Ressurreição de Lázaro); estes, por serem de grande importância em relação à iniciação cristã, podem ser lidos também nos anos B e C, sobretudo quando há catecúmenos. No ano B o acento recai sobre a pessoa de Jesus Cristo, se usa alguns textos de São João sobre a futura glorificação de Cristo por sua cruz e ressurreição (Expulsão dos vendilhões, Encontro com Nicodemos e “O grão caído na terra”). No ano C, a penitência e a conversão aparecem bem evidenciados (Parábola da “figueira estéril”, Parábola do “Filho pródigo” e o episódio da “mulher pecadora”)¹⁰.

No domingo de Ramos da Paixão do Senhor, foram escolhidos para a procissão os textos que se referem à solene entrada do Senhor em Jerusalém, tirados dos três Evangelhos sinóticos; na missa lê-se o relato da Paixão do Senhor¹¹.

As leituras do Antigo Testamento referem-se à história da salvação que é um dos temas próprios da catequese quaresmal. Cada ano há uma série de textos que apresentam os principais elementos desta história, desde o princípio até a promessa da nova aliança. Por sua vez as leituras do Apóstolo foram escolhidas de tal forma que tenham relação com as leituras do Evangelho e do Antigo Testamento e haja, na medida do possível, uma adequada conexão entre as mesmas¹².

SIMBOLOGIA E ASPECTOS PRÓPRIOS

No tempo da quaresma se usa a cor roxa como expressão de penitência e desejo de conversão. A ausência de flores na organização do espaço celebrativo, indica austeridade, própria desse tempo¹³. Essa reserva simbólica possui caráter pedagógico e nos ajuda a adentrar na mística do tempo.

Na Quarta-feira de abertura da Quaresma, que é por toda a parte dia de jejum, faz-se a imposição das cinzas¹⁴. Somos marcados com cinzas, reconhecendo nossa fragilidade e pequenez: “Lembra-te que és pó, e ao pó hás de voltar” (cf. Gn 3,19), e por isso mesmo “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15)¹⁵. Ambos os textos nos convidam a reconhecer nossos pecados e desvios do caminho do Senhor, e nossa profundo desejo: “queremos voltar, queremos nos converter”¹⁶.

Utilizem-se com mais abundância os elementos batismais próprios da liturgia quaresmal, assim como elementos que destaquem o caráter penitencial desse período¹⁷. Dessa forma, símbolos como a água e a luz se fazem muito pertinente, ou ainda, objetos que caracterizem esse período de deserto. Além disso, nos cinco domingos da quaresma, pode-se pensar em algo que lembre o tema da Campanha da Fraternidade do ano¹⁸.

Do início da Quaresma até a Vigília Pascal não se diz o Aleluia” (NALC 28), se usa outra aclamação junto ao versículo tirado do lecionário, promovendo uma conexão mais íntima com a palavra a ser proclamada. Também, pela índole do tempo litúrgico, não se canta o hino “glória”, ele é resguardado para a vigília pascal, assim como o “Aleluia”.

A alegria da música ou dos momentos se traduz em gestos, e é justamente junto a música que na liturgia a palma é acrescida. No entanto, como já vimos, de acordo a índole do tempo quaresmal – período de reflexão e introspecção – as palmas não se fazem convenientes. Nesse sentido a escolha do repertório bíblico-litúrgico deve ajudar os fiéis a adentrar na espiritualidade da quaresma, e não promover a dispersão, por meio de melodias vibrantes e alegres, que são um convite às palmas.

Em relação ao uso de instrumentos, a instrução “Musicam Sacram” (1967), além de reconhecer a utilidade e a importância dos instrumentos musicais na liturgia, apresenta-nos também suas principais funções: sustentar o canto, facilitar a participação, criar a unidade da assembleia¹⁹. No entanto, por ser um período em que resguardamos mais o silêncio deve-se evitar instrumentos que promovam muito ruído, assim como evitar o excessivo volume de microfones e outros instrumentos de amplificação, pois além de dificultar a compreensão dos textos e inibir a participação da assembleia no canto, não contribui para uma autêntica vivência da liturgia quaresmal.

Um artifício que pode nos ajudar a vivenciar a espiritualidade da quaresma, são os refrãos orantes (meditativos). Estes possuem uma função muito digna e eficaz quando usados em nossas celebrações. Eles são capazes de acalmar a alma e nos introduzir num clima de paz espiritual – não só pela melodia mas, principalmente pela letra – na ação litúrgica a ser realizada. Geralmente é usado antes de iniciar a celebração e antes da liturgia da Palavra, ainda alguns utilizam como refrão pós-comunhão. Usando esses refrãos, por exemplo, antes de iniciar a celebração, deixaríamos de usar orações, como “Ave Maria” e “Pai-nosso”, para silenciar os fiéis, diminuindo o valor das orações.

CANTAR A QUARESMA²⁰

Cantar a Quaresma é, antes de tudo, cantar a dor que se sente pelo pecado no mundo, que, em todos os tempos e de tantas maneiras, crucifica os filhos de Deus e prolonga, assim, a Paixão de Cristo...

É um canto de luto, um canto sem “glória” e sem “aleluia”, um canto sem flores e sem as vestes da alegria, um canto “das profundezas do abismo”, em que nos colocaram nossos pecados (Sl 130); um grito penitente de quem implora e suplica: “Tende piedade de mim, Senhor, segundo a vossa bondade, e conforme a imensidade da vossa misericórdia, apagai a minha iniquidade” (Sl 51,3).

Mas o clamor se faz confiança, coragem e combate. E o canto de luto passa a ser, igualmente, um canto de luta, capaz de animar um combate que se trava, primeiro no íntimo de cada um, por conta “do pecado que habita em mim” (Rm 7): “Criai em mim um coração que seja puro, dai-me de novo um espírito decidido... e confirmai-me com espírito generoso” (Sl 51,12.14).

Ao som desses cantares, o cristão recorda e revive o Mistério dos quarenta dias e quarenta noite do Dilúvio purificador, do retiro de Moisés no Sinai, da caminhada de Elias, em demanda do monte de Deus, da penitência do povo de Nínive...

dos quarenta anos de travessia do Povo de Deus pelo deserto... e, sobretudo, dos quarenta dias e noites de Jesus no deserto, logo após seu batismo no Jordão...

De repente, toda essa experiência penitencial, todo esse combate contra o pecado do mundo, todo esse esforço de seguir a Jesus no “caminho da cruz”, começa, aos poucos, a dar seus frutos... os efeitos da “passagem” de Deus já vão se fazendo sentir... as alegrias da Páscoa já se anunciam... e, percebendo os seus sinais, a comunidade cristã, na altura do 4º Domingo da Quaresma, a meio caminho, não se contém, e já prorrompe num canto que antecipa e ensaia a festa final: “Que alegria, quando ouvi que me disseram: ‘vamos à casa do Senhor!’” (Sl 122,1). É que a Terra Prometida, o mundo novo, uma nova cidade, feita de homens e mulheres novos, gente liberta, solidária e fraterna, já se esboça no horizonte...

O REPERTÓRIO QUARESIMAL²¹

Vejamos, a seguir, alguns exemplos de textos pinçados do repertório quaresmal da Igreja no Brasil do Ano A, buscando vinculá-los aos aspectos da espiritualidade quaresmal.

a) Quaresma é, antes de tudo, **tempo de mudança radical de vida e de conversão do coração:**

O vosso coração de pedra se converterá em novo, em novo coração!

1 - Tirarei de vosso peito
vosso coração de pedra,
no lugar colocarei
novo coração de carne²². (Ez 36,26)

b) Quaresma é **tempo de reconciliação**. Já na quarta-feira de cinzas, fazendo eco às palavras do apóstolo Paulo (2ª leitura), cantamos:

Reconciliai-vos com Deus!

Em nome de Cristo rogamos.

Que não recebais em vão

sua graça e seu perdão;

eis o tempo favorável,

o dia da salvação! (2Cor 5,20 e 6, 1-2)

1 - Quem tem sede, venha à fonte,

quem tem fome, venha à mesa,

vinho, trigo, leite e mel

comereis, manjar do céu!

2 - Vinde, vinde e se me ouvirdes,

vida nova vivereis,

aliança nós faremos,

minhas promessas cumprirei²³.

c) Quaresma é **tempo de perdão**. Cantamos a misericórdia de Deus e reforçamos, entre nós, o desejo da prática incondicional do perdão:

Senhor, eis aqui o teu povo,

que vem implorar teu perdão;

é grande o nosso pecado,

porém é maior o teu coração.

1 - Sabendo que acolheste Zaqueu, o cobrador, (Lc 19,1-10)

e assim lhe devolveste tua paz e teu amor,

também, nos colocamos ao lado dos que vão

buscar no teu altar a graça do perdão²⁴.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE

A Campanha da Fraternidade, com que a Igreja, no Brasil, desencadeia um grande movimento de evangelização, recebe da Liturgia o incentivo para seu espírito de caridade e o desejo de conversão com que anima sua pregação nos Meios de Comunicação Social, nas aulas de religião e grupos de estudo e oração. A Campanha da Fraternidade, por outro lado, cada ano pede à Liturgia, um gesto concreto de conversão para todas as comunidades do país²⁵.

Desde o ano de 1964, durante a quaresma, a Igreja no Brasil promove a “Campanha da Fraternidade”. Cada campanha está vinculada a um tema. A partir desse tema, elabora-se um texto base e subsídios bíblicos e litúrgicos. Desses últimos, destacam-se os cantos para as celebrações, especialmente a eucaristia. A cada ano, portanto, uma nova “Missa da campanha da fraternidade”. No entanto, uma “nova” missa a cada ano, num “tempo forte” do ano litúrgico (a quaresma), compromete de forma decisiva a assimilação de um repertório bíblico-litúrgico quaresmal (cf. SC 121). Repertório pressupõe repetição, memória, assimilação. Os textos são geralmente direcionados para um ‘tema’. Por isso, tornam-se inadequados a sua repetição no ano seguinte²⁶.

A partir de 2005 essas “missas” começaram a ser cortadas. Das “missas” anteriores, somente se mantiveram no repertório bíblico-litúrgico aqueles cantos com fundamentação bíblica e que iam de encontro à dinâmica quaresmal. Dessa forma, o foco atualmente está no hino da CF daquele ano específico. Este não deve assumir, a função do próprio (ou seja, procissões de “Entrada”, “Oferendas” e “Comunhão”), podendo ser usado em outros momentos como a despedida, ou algum momento específico referente à CF.

¹ Cf. Frei Joaquim Fonseca, ofm. Apostila sobre “Ano Litúrgico”, usada no curso de extensão CELMU.

² NALC 17 (cf. SC 102).

³ CNBB, 2014, p.11.

⁴ SC 109.

⁵ NALC 27 (cf. SC 109).

⁶ CNBB, 1989, p.126.

⁷ NALC 28.

⁸ NALC 30.

⁹ IELM 97.

¹⁰ cf. IELM 97 / cf. FONSECA, 2014, p.26.

¹¹ IELM 97.

¹² IELM 97.

¹³ cf. BUYST, 2007, p.88.

¹⁴ NALC 29.

¹⁵ Missal Romano, p.176.

¹⁶ cf. BUYST, 2007, p.88.

¹⁷ SC 109.

¹⁸ cf. BUYST, 2007, p.89.

¹⁹ cf. MS 62-64.

²⁰ CNBB, 2008, p. 5.

²¹ FONSECA, 2014, p.25.

²² CNBB, 2008, p. 176.

²³ CNBB, 2008, p. 187.

²⁴ CNBB, 2008, p. 190.

²⁵ CNBB, 1989, p.127.

²⁶ FONSECA, 2014, p.27.